

Barómetro trimestral da Coface: os EUA lideram a recuperação global, economias emergentes estão a ficar para trás

Lisboa, 17 de maio, 2021 – Decorrido mais de um ano após o início da pandemia, as **tendências económicas globais são desiguais, devido às incertezas persistentes em torno da propagação da COVID-19. A aceleração do processo de vacinação, bem como a sua eficácia, são a solução para a recuperação económica.** Neste contexto, as perspetivas de um regresso à normalidade são irregulares e incertas entre os vários sectores de atividade e geografias, **de acordo com o último barómetro da Coface, um dos principais operadores no sector dos seguros de crédito.**

Como descrito no barómetro, a Coface assume que a **recuperação económica irá ganhar ímpeto a partir do Verão de 2021**, quando uma parte suficientemente significativa da população dos Estados Unidos e da Europa estiver vacinada. No entanto, existe um risco de atraso no processo de vacinação, nomeadamente devido a estrangulamentos de fornecimento dos fabricantes, resultantes da escassez de certos componentes e de restrições à exportação.

Apesar de tudo, a previsão de crescimento global da Coface foi revista em alta, cerca de meio ponto (+5,1% para 2021), graças a um crescimento mais vigoroso do que o esperado nos Estados Unidos. Nesta perspetiva macroeconómica mais favorável, a Coface está a melhorar as avaliações de risco de 35 sectores de atividade, contra apenas 3 revisões em baixa.

Para além dos Estados Unidos, vários outros sectores da economia mundial – a indústria e o comércio globais - deverão regressar ao seu nível de atividade pré-crise até ao Verão. No entanto, alguns outros sectores estão ainda atrasados, nomeadamente nos serviços e, especialmente, aqueles setores que envolvem o contacto físico com os clientes, e isto acontece em todas as economias europeias. Finalmente, em algumas grandes economias emergentes, a recuperação está também a ser travada pelo aumento da inflação, o que está a forçar os bancos centrais a restringirem a política monetária.

A economia dos E.U.A. entra no modo "alta pressão"

Desde o início de 2021, o equilíbrio das surpresas está a inclinar-se para o lado positivo, apesar das muitas incertezas sanitárias.

A diferença de crescimento prevista entre a Zona Euro e os Estados Unidos é habitual, particularmente numa fase de recuperação. Isto deve-se, em parte, a estabilizadores automáticos menos robustos nos EUA, que aceleram os ajustamentos no emprego e no rendimento.

Mas desta vez, as razões para a diferença do crescimento dos EUA são diferentes: menos restrições de mobilidade do que na Zona Euro, tanto em 2020 como no início de 2021, e a implementação mais rápida do processo de vacinação.

As diferenças na política económica podem também explicar o melhor desempenho dos EUA. A Reserva Federal dos EUA (Fed) aumentou a dimensão do seu balanço. O seu programa de compra de ativos aumentou cerca de 13% do PIB em 2020, em comparação com 9% no Banco Central Europeu (BCE). **Finalmente, e o mais importante, um maior apoio fiscal permitirá à economia dos EUA regressar mais rapidamente ao seu nível de PIB pré-crise.**

Adotado em março de 2021, **o novo plano de apoio dos EUA ascende a 1,9 triliões de dólares (USD)**, e levará a resposta fiscal total à crise a um montante equivalente a 27% do PIB dos EUA, mais do que qualquer outra economia madura. **A Coface espera que o défice público possa ser até 56 mil milhões de dólares superior ao que seria sem o pacote de estímulo.**

O objetivo desta estratégia é colocar a economia dos EUA sob "alta pressão", ou seja, **implementar políticas monetárias e fiscais expansionistas que encorajem o regresso ao trabalho das pessoas com menos facilidade de encontrar emprego** (desempregados de longa duração ou inativos devido ao desânimo, pessoas pouco qualificadas e categorias da população que sofrem de discriminação na contratação).

Zona Euro: as insolvências de empresas permanecem ocultas

É pouco provável que a Zona Euro regresse ao seu nível de PIB antes da crise, antes de 2022. Se as principais restrições à mobilidade forem levantadas até ao final do Verão, isto será acompanhado de uma paragem gradual das medidas de apoio às empresas, o que poderá causar um aumento do desemprego. Além disso, o aumento da dívida empresarial - tornado possível pelos empréstimos garantidos pelo governo - é suscetível de limitar a sua capacidade de investimento.

Até agora, as principais medidas de apoio governamental implementadas em 2020 ainda não foram retiradas. **Apesar do efeito estabilizador da ajuda governamental, a saúde financeira das empresas deteriorou-se significativamente em 2020,** o que deveria normalmente levar a um aumento das insolvências. Segundo a Coface, **as insolvências em 2020 deveriam ter aumentado 19% em Espanha, 7% em Itália e 6% em França e na Alemanha. A Coface estima que o número de insolvências ocultas seja de 44% das registadas em França em 2019, 39% para Itália, 34% para Espanha e 21% para a Alemanha.**

Economias emergentes: o aumento da inflação força os bancos centrais a restringir a política monetária

De acordo com as previsões do Fundo Monetário Internacional, datado de abril de 2021, **as economias emergentes serão mais permanentemente afetadas pela crise atual do que as economias maduras.**

Em 2024, o PIB nas economias emergentes será cerca 4% inferior ao que seria se não fosse a crise da COVID. Para as economias maduras, a diferença será apenas de 1% (em comparação com 10% após a crise financeira global). Há várias razões para este desfasamento entre a recuperação das economias maduras e as emergentes.

Primeiro, **o processo de vacinação está mais avançado nas economias maduras**, mesmo que algumas economias emergentes estejam no bom caminho, tais como os Emirados Árabes Unidos, o Chile e, em menor grau, a Turquia e Marrocos, onde pelo menos 10% da população tinha sido totalmente vacinada até 8 de abril. Mas para além destes escassos casos, **o facto de os Estados Unidos e a Europa terem adquirido a maioria das vacinas significa menos doses para outros países**. Entre as quatro principais áreas produtoras de vacinas (China, Estados Unidos, Europa Ocidental e Índia), a tentação de implementar medidas protecionistas é cada vez mais forte. Por exemplo, a Índia já anunciou uma paragem temporária da exportação de vacinas para dar prioridade à distribuição de vacinas na Índia, onde o número de casos aumentou significativamente desde o início de março.

Para além destas incertezas, **muitas economias emergentes são duplamente afetadas pela sua exposição aos sectores económicos mais duramente atingidos pela crise** (turismo e transportes em particular).

No entanto, do lado positivo, o aumento do preço do petróleo e dos produtos agrícolas é uma boa notícia para as economias que sofreram a tendência oposta no ano passado. Além disso, as perspetivas positivas para o consumo dos EUA deverão alimentar fortes volumes de exportação, especialmente entre os produtores de bens de consumo.

Por outro lado, o aumento do défice orçamental dos EUA está a encorajar as saídas de capital dos mercados emergentes, à medida que as revisões em alta das perspetivas de crescimento do PIB dos EUA aumentam as taxas de juros de longo prazo dos EUA, estreitando o fosso com os seus homólogos nos mercados emergentes, e tornando estes últimos menos atrativos para os investidores financeiros. Isto resultou numa depreciação das moedas emergentes, nomeadamente na Turquia e no Brasil.

CONTACTOS

Claudia MOUSINHO - T. (+351) 211 545 408 – E. claudia.mousinho@coface.com

For Trade. Soluções de seguro de crédito para reforçar o seu negócio.

Com 75 anos de experiência e a mais extensa rede internacional, a Coface é uma líder em seguro de crédito e serviços especializados complementares, incluindo o Factoring, a Recuperação de Créditos, Single Risk e os Serviços de Informação.

Os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 50.000 clientes, distribuídos por 100 países, na construção de negócios dinâmicos e de sucesso em todo o mundo. A Coface ajuda as empresas na tomada de decisões de crédito. Os serviços e soluções do Grupo reforçam a sua capacidade de venda, protegendo-as contra os riscos de não pagamento, tanto no mercado doméstico como na exportação.

Em 2020, a Coface empregou 4.450 pessoas e registou um volume de negócios de €1.45 bilião de euros.

<http://www.coface.pt>

COFACE SA é cotada no Compartimento A da Euronext Paris
Código ISIN: FR0010667147 / Mnemónico: COFA

